

IDENTIDADE E POESIA MUSICADA: PANORAMA DO MOVIMENTO RORAIMEIRA A PARTIR DA CIDADE DE BOA VISTA COMO UMA DAS FONTES DE INSPIRAÇÃO

Rafael da Silva Oliveira¹

Cátia Monteiro Wankler²

Carla Monteiro de Souza³

Universidade Federal de Roraima

Resumo

Na década de 1980 o estado de Roraima passava por profundas transformações ocasionadas, sobretudo, pelo garimpo que estimulou a chegada de pessoas das mais variadas partes do país, na sua maioria nordestinos. A busca pelo ouro ampliou os limites da cidade de Boa Vista - a capital do estado - e estimulou diversos conflitos entre garimpeiros e indígenas, considerados pelos desbravadores como um entrave para exploração da pedra preciosa. Assim sendo, o estado de Roraima, em especial sua capital, recebe uma gama de influências tanto dos migrantes quanto indígenas e caribenhos, pois além do intenso processo migratório, encontra-se situada na fronteira com a Venezuela e a República Cooperativista da Guiana. Esta confluência de línguas e culturas chamou a atenção de um grupo de artistas que começaram a discutir a identidade roraimeira através da arte, criando um movimento cultural chamado "Roraimeira". Neste sentido iremos discutir sobre o surgimento, as mudanças e a contribuição do movimento cultural "Roraimeira" para a construção e divulgação da identidade roraimeira a partir da análise de algumas poesias musicadas que falam sobre a cidade de Boa Vista.

Palavras-chave: Identidade, Roraimeira, Boa Vista.

Abstract

In the decade of 1980, the state of Roraima was passing through transformations, above all, caused by the mine, that stimulated the people's arrival of the most varied parts of the country, in your majority northeasterners. The search for the gold enlarged the limits of the city of Boa Vista - the capital of the state - and it stimulated several conflicts among miners and indigenous, considered by the pathfinders as a fetter for exploration of the precious stone. So that, the state of Roraima, especially your capital, receives a range of influences so much of the migrants as indigenous and Caribbean, because besides the intense migratory process, it is located in the border with Venezuela and the Republic of Guyana. This confluence of languages and cultures got attention of a group of artists that began to discuss the Roraima identity through the art, creating a cultural movement called "Roraimeira". In this sense, we will discuss about the appearance, the changes and the contribution of this cultural movement for the construction and popularization of the Roraima identity, starting from the analysis of some musical poetries that talk about the city of Boa Vista.

Key words: Identity, Roraimeira, Boa Vista city.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Roraima é o estado mais ao norte do Brasil e integra a Amazônia Legal. Até a década de 1940, fazia parte do estado do Amazonas, passou em seguida a Território Federal do Rio Branco e, depois, a Território Federal de Roraima, tornando-se estado da federação com a Constituição de 1988 (FREITAS, 1997).

A maior parte dos cerca de 230.000 Km² que compõem o estado estão situados acima da linha do Equador, o que o coloca no hemisfério oposto ao da maior parte do território brasileiro. Suas fronteiras são, a noroeste, com a Venezuela, a nordeste com a República Cooperativista da Guiana, a sudeste com o estado do Pará e a sudoeste com o Amazonas.

A população, de cerca de 395.000 habitantes, dos quais mais de 70% residem na capital, Boa Vista, é formada por indígenas e não-indígenas naturais do estado e por inúmeros migrantes vindos de todas as partes do Brasil (IBGE; 2008), além de estar em permanente contato com os estrangeiros da vizinhança. As manifestações culturais são as mais diversas: algumas tipicamente nordestinas, produto do fluxo migratório constante proveniente de estados do Nordeste, destacando-se contemporaneamente o Maranhão, outras de feição mais indígena e outras, ainda, essencialmente híbridas.

A pluralidade faz de Roraima um ambiente peculiar, com marcas de todas as culturas conviventes, fato que dificulta a definição de um perfil cultural da região e torna

complexa a tarefa de compreender o que seja uma “identidade roraimense”. Observa-se, freqüentemente, que se confundem tais condições com a inexistência de uma cultura ou de uma identidade próprias. Isto se deve a diversos fatores, mas, principalmente, à carência de reflexões mais amplas e profundas sobre o que seria, hoje, uma “identidade roraimense” e qual o seu lugar no atual contexto cultural local e nacional (HALL, 1997).

Um movimento cultural chamado Roraimeira, ocorrido na década de 1980, buscou discutir o problema da identidade cultural roraimense através da produção de uma arte referenciada pelos elementos da vida e da paisagem local. Devido ao perfil do movimento, Eliakim Rufino⁴, filósofo, professor e poeta roraimense premiado nacionalmente e um dos líderes do Roraimeira, afirma que o movimento foi uma espécie de Modernismo tardio, com influências Tropicalistas.

Embora diga respeito a todas as formas de arte, foi através da música que o Roraimeira se projetou, não só em Roraima, mas no restante da Amazônia. A maioria das canções do grupo era formada por poemas musicados e é difícil distinguir aquelas que não o são, tendo em vista o caráter poético das letras, sua qualidade literária. Assim, literatura e música se interpenetram, criando um tecido poético marcado por aquela mesma multiplicidade de vozes e feições.

Neste contexto, o artigo tem por objetivo principal apresentar considerações sobre o surgimento e as principais transformações do Movimento Roraimeira, como, também, seu papel na discussão acerca da construção da identidade roraimense. Cumpre mencionar que este artigo reflete os estudos preliminares realizados pelo projeto "*Paisagem e Identidade na Poesia de Roraima das Décadas de 1980 e 1990*", financiado pelo CNPq, coordenado pela Professora Cátia Wankler e integrado pelos outros dois autores do presente texto.

Neste sentido, cumpre esclarecer que as fontes prioritárias do referido projeto são os textos produzidos (poesias e canções) e entrevistas realizadas com integrantes do Movimento Roraimeira, realizadas por meio da metodologia da História Oral. Em uma perspectiva interdisciplinar, a abordagem desse material passa pelas áreas da Literatura e

dos Estudos da Linguagem, da Geografia Cultural e da História Social.

O MOVIMENTO CULTURAL RORAIMEIRA E SUA IMPORTÂNCIA PARA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RORAIMEENSE⁵

No convívio diário na sociedade roraimense, além dos sabores, dos sons, das imagens, constata-se também a crença comum e difundida de que Roraima não tem cultura ou tampouco uma arte própria. No caso da primeira, percebe-se um equívoco que confunde a multiplicidade de culturas e uma dificuldade de detecção da predominância de alguma(s) dela(s) com inexistência.

No campo das artes, há manifestações diversas, tanto oriundas da população nascida no estado quanto aquelas trazidas pelos migrantes que nele se estabelecem principalmente vindos do nordeste incorporadas pela convivência. Uma delas é a produção de textos e poesias musicadas que contrariam a crença de que não existe literatura em Roraima.

O Movimento Cultural Roraimeira, iniciado na década de 1980, aglutinou músicos, escritores, dançarinos, poetas, fotógrafos, entre outras expressões artísticas voltados para construção cultural de uma identidade para o povo de Roraima, calcado, sobretudo, nos elementos da cultura e da paisagem natural existentes no estado. Durante entrevista aos pesquisadores, Eliakin Rufino contribui sobre o assunto afirmando que

No movimento Roraimeira nós tentamos esboçar uma fisionomia cultural pra cá, porque até então se dizia que aqui não tinha cultura, isso era um comentário recorrente. O grupo Roraimeira vai reconhecer na cultura indígena a nossa cultura mais ancestral, nossa base, porque a elite local é racista, é antiíndio, eles passaram 300 anos escravizando os índios. Nós somos “consumidos” pelo povão, porque a elite rejeita, porque nós somos pró-índio. Talvez a nossa grande contribuição, do Roraimeira, é acabar com a crise de identidade que Roraima pade-

cia. Eu acho que até o Roraimera não havia uma arte local mesmo: é a dor e a delícia de ser pioneiro. Em fevereiro de 1922, São Paulo, Semana de Arte Moderna, é uma revolução na arte brasileira. Os modernistas lançam uma grande pedra no lago tranqüilo da influência européia no Brasil, né? Agora, essa onda só chega em Roraima em 84: o movimento Roraimera é o movimento modernista, que chega aqui em Roraima na década de 80. Toda nossa inspiração é modernista: é o Modernismo, é o movimento modernista... Tardio. E é claro que ao longo desse período a gente foi vendo que tem influência de outros movimentos; a gente tem influência do movimento Tropicalista. O Roraimera é o último movimento cultural brasileiro do século XX, por causa da distância, entende? Foram pipocando movimentos em Minas (...), no Nordeste (...), no Pará (...), em Manaus (...), até que, no final do século, tem um movimento aqui, no extremo Norte, na fronteira do Brasil, tem um movimento que está preocupado em construir uma identidade, uma estética regional.

Nos primeiros contatos com as poesias, geralmente musicadas, de artistas envolvidos no movimento Roraimera de diferentes gêneros revela que seu traço comum é a forte ligação com as marcas da vida neste universo fronteiriço, habitado por índios e não-índios, "incrustado" entre a Venezuela, a República Cooperativista da Guiana e o resto do Brasil, e que recebe essa enorme gama de influências. Um universo marcado pelo exotismo e pela exuberância da natureza, muito diferente do restante do Brasil e cheio de peculiaridades até em relação à própria Amazônia, já por si peculiar.

A localização geográfica, a forte presença de migrantes e o isolamento em relação ao resto do país, contribuíram para influenciar diretamente tanto na postura política quanto na musicalidade do movimento. Eliakin Rufino, em entrevista realizada por Thereza Dantas⁶, afirma:

Somos uma sociedade plural e de fronteira. Aqui em Roraima vivem brasileiros de todas as partes do país e mais os estrangeiros da Venezuela e Guiana. A proximidade com o Caribe, a forte influência nordestina em Roraima, a marcante presença dos povos indígenas e a distância do resto do Brasil, tudo isso foi configurando um movimento cultural (música, literatura, fotografia, artes plásticas, dança) que reconhecia e acomodava todas as diferenças e apontava para a diversidade e a pluralidade como a marca da nossa identidade.

Inspirados pela pluralidade cultural existente em Roraima e, sobretudo, pelas fortes influências caribenhas, criaram um ritmo batizado como *makunaimera*, sendo esta a fusão de distintos ritmos e instrumentos amazônicos e latinos. O referido ritmo insinua um pouco de salsa, merengue e forte influência indígena, ou seja, um *mix* rítmico que proporciona ao ouvinte, além do prazer, uma idéia das vozes das diversas influências confluentes no local. Assim sendo, embalados pela *makunaimera*, poetas e músicos criaram expressões e divulgaram peixes, frutas e costumes da região através da inserção do cotidiano amazônico em suas composições, cujos trabalhos sempre acompanhavam um glossário, esclarecendo sobre o significado de termos tanto amazônicos quanto os criados pelos próprios artistas locais.

Vale ressaltar que a expressão "Roraimera" surgiu a partir da música do cantor e compositor paraense Zeca Preto que é considerada, entre os artistas do estado, como a primeira canção que fala do povo e da paisagem de Roraima:

Roraimera (Zeca Preto)

Te achei na grande América do Sul
/ Quero atos que me falem só de ti
/ Em tua forma bela e selvagem /
Entre os dedos o teu barro, o teu
chão / E em tuas férteis terras
enraizar / A semente do poeta
Eliakin / Nos seus versos inerentes
ao amor / Aves ruflam num arribe

musical / Os teus seios grandes
serras / Grandes lagos são teus
olhos / Tua boca dourada,
Tepequém, Suapi / Terra do
Caracaranã, do caju, seriguela /
Do buriti, do caxiri, Bem-Querer /
Dos arraiais do meu Hi-fi / Da
morena bonita, do aroma de
patchuli / O teu importante rio
chamado Branco / Sem preconcei-
to de um negro ele aflui / Es Alice
nesse país tropical / De um
cruzeiro norteando as estrelas /
Norte forte, makuxi, roraimeira /
Da coragem, raça, força garimpei-
ra / Cunhantã roceira tão faceira /
Diamante, ouro, amo-te poeira

A partir da referida música, que conquistou o segundo lugar no II Festival de Música de Roraima (em julho de 1984) o rio Branco, a cidade de Boa Vista, a Serra do Tepequém, os imensos buritizais, entre outros elementos tornaram-se temas dos versos dos poetas e demais artistas da região.

No mesmo período, além do Zeca Preto, mais dois artistas locais produziam intensamente poesia e canções sobre a região, a saber: Eliakin Rufino e Neuber Uchôa. Motivados pela mesma temática, o trio passou a organizar shows para ampliar a divulgação de suas composições sobre Roraima e a Amazônia. A primeira apresentação que recebeu o nome de Roraimeira, considerado pelos líderes como o início do referido movimento cultural, ocorreu em agosto de 1984 no Teatro Amazonas, na cidade de Manaus. Somente em outubro do mesmo ano houve a primeira apresentação em Roraima, na cidade de Boa Vista, cuja grande repercussão propiciou a inserção de outros artistas que tratavam da mesma temática no movimento. Em poucos anos o movimento ganhou expressão, cujos três líderes do movimento (Zeca Preto, Eliakin Rufino e Neuber Uchôa) chegaram a realizar shows no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro, como, também, na Alemanha (Frankfurt e Berlim) e Suíça.

O trio permaneceu produzindo e realizando apresentações por dezesseis anos (1984-2000) com o intuito de contribuir na divulgação do turismo no estado (através das

belezas exaltadas nos seus versos) e, sobretudo, estimular reflexão sobre a identidade roraimeira, cujas manifestações do movimento passaram a ser a principal referência para auto-estima da população. A partir do ano 2000 o chamado trio Roraimeira encerrou suas apresentações, passando a produzir e realizar shows individualmente. A separação ocorreu, pois a proposta do trio era cantar as belezas da região não possibilitando espaço para músicas com letras críticas que abordavam os problemas do estado, entre eles as questões ambiental e indígena. Assim sendo, no ano em que foram encerradas as exposições do trio Roraimeira, os mesmos gravaram seu último CD, intitulado "*O canto de Roraima e suas influências indígenas e caribenhas*", concluindo assim a primeira fase do Roraimeira.

A partir de 2000 passou-se a chamar de arte Roraimeira qualquer expressão ou linguagem que tenha Roraima como tema central. Desde, então, a preocupação estética, através da supervalorização da paisagem natural, deu espaço para novas tendências, abordando temas voltados para reflexões mais críticas da atual situação do estado e, em especial, suas contradições.

A partir das sucintas considerações supramencionadas, iremos contextualizar as transformações ocorridas no estado de Roraima com os dois momentos vividos pelo Roraimeira: um dedicado à exaltação estética da paisagem natural e das culturas do povo para construção de uma identidade local e, a outra, voltada para manifestações críticas acerca dos problemas da região. Dessa maneira iremos compreender as mudanças evidenciadas no estado de Roraima e a importância do surgimento do movimento Roraimeira. Para tanto, iremos analisar algumas poesias que foram musicadas pelos líderes do movimento com o intuito de compreender melhor a importância e as diferenças entre os dois momentos listados.

Vale registrar que, por conta do significativo número de poesias musicadas do movimento, iremos tratar apenas das que fazem referência a cidade de Boa Vista, contribuindo assim para pensarmos um pouco sobre como cidade era apreendida no primeiro momento e atualmente pelo Roraimeira.

A PRIMEIRA FASE DO RORAIMERA E SUA IMPORTÂNCIA PARA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL

Na década de 1980, quando surge o Movimento Roraimera, a cidade de Boa Vista passa a sofrer um "boom" populacional ocasionado pelo significativo fluxo de pessoas motivadas pelo garimpo de ouro e o sonho do enriquecimento rápido. O fluxo de garimpeiros irá refletir diretamente na estrutura e fisionomia organizacional da cidade de Boa Vista.

Entre o período de 1987 a 1990 foi registrado o maior fluxo migratório em direção à Boa Vista. A população da cidade quase dobrou o número de habitantes, de 72.758 em 1987, para 115.247 em 1990, segundo dados do IBGE/RR. O referido crescimento vai suscitar no surgimento de diversos bairros, notadamente ausentes de infra-estrutura mínima para sua existência. Barros ilustra bem esse processo quando explica que:

áreas na periferia com lotes doados gratuitamente pelo poder público, foram freneticamente ocupadas por habitações no período recente do garimpo (1987-1990), como o bairro de Asa Branca, enquanto ao mesmo tempo aconteciam invasões no bairro do Beiral, às margens do rio Branco, ao sul e contíguo à 'cidade velha' (ao sul do centro antigo, i.é., do centro ribeirinho). Antes que muitas casas estivessem prontas, a desarticulação do garimpo deixou centenas de habitações semi-acabadas, e fechadas, posto que a razão para a permanência destes moradores em Boa Vista não mais existia (1995, p.153).

Cumpramos ressaltar a forte participação do poder público neste processo de expansão da cidade de Boa Vista, que se dilata sem se desenvolver, ou seja, ampliou suas dimensões, mas de maneira precária, concentrando as amenidades e os equipamentos urbanísticos no centro e nos bairros mais imediatos. Neste sentido, bairros surgiam em poucos dias sem ao menos dispor de infraestrutura mínima, contribuindo assim para (re)produção da

injustiça sócio-espacial. Uma outra consequência perversa deste processo de crescimento é a intensificação da migração de indígenas para a capital (Souza; Silva, 2006, p.23)

Somado ao cenário supramencionado, destacamos dois outros pontos para melhor contextualizar a situação vivida na cidade de Boa Vista e no estado de Roraima a partir da década de 1980:

- acentuam os conflitos entre garimpeiros e índios, haja vista que as principais zonas garimpeiras estão situadas no cerne das áreas indígenas e;

- os roraimenses que já viviam em Roraima, sobretudo em Boa Vista, começam a presenciar a chegada de levas de migrantes das mais diversas origens, especialmente nordestinos, trazendo também seus costumes e tradições.

Tal situação começa a sensibilizar os artistas locais que começam, através das mais variadas manifestações artísticas exaltar as belezas naturais da região e, também, a cultura indígena que sofria com a chegada dos garimpeiros na região. Diversas canções foram produzidas pelo movimento Roraimera com declarações de apego e amor a cidade de Boa Vista, sempre carregadas de referências a elementos da paisagem natural, como podemos perceber nos versos das duas músicas compostas por Zeca Preto e Neuber Uchôa, intitulado "*Canto das pedras*" e "*É preciso amar essa terra*".

Canto das pedras

(Zeca Preto e Neuber Uchôa)

uma nova era, lua nova / um novo tempo de plantar / uma semente de saber / como resiste o caimbé e a nossa história /que é feita de pajés e corações / de cada canto do país / como o canto de outras pedras / de pintar nossa música no ar / nesse cadinho da floresta / Boa Vista, linda meu luar / minha musa de cantar / meu desejo bem querer, te chamo de BV / é no remanso dessas lavadeiras / tambaquis e tracajás, iaras e buritizais / teu segredo de menina / nesses anos festivais / tua pedra tua sina / esse rio leva e traz...

É preciso amar essa terra
(Zeca Preto e Neuber Uchôa)

É preciso amar essa terra / Achar
uma pista / E ter Boa Vista de
qualquer lugar / Beber um
cadinho do nosso luar / Fazendo
chover / Nos quintais de Roraima
Na terra de Makunaima / Quero
acordar com você / Ser teu beija-
flor e lutar / Alimentar a vida /
Acreditar nos sonhos / Curar as
feridas / Ser teu rumo do rio pro
mar / Encontrar meu caminho e
cantar / Na capitana viajar /
navegar.

Nas duas músicas supramencionadas identificamos versos que manifestam sentimentos de apego ao lugar vivido e de intimidade com a cidade de Boa Vista, demonstrada através do apelido carinhoso - BV: "*Boa Vista, linda meu luar / minha musa de cantar / meu desejo bem querer, te chamo de BV*".

Além dos laços afetivos com a cidade, ressaltam, também, que "*é preciso amar essa terra*", como verificado no próprio título de uma das canções. Podemos afirmar que a partir da perspectiva cultural, os lugares subjetivam-se, rompendo a racionalidade econômica e funcional, extravasando forma e cor, para apresentar elementos espaciais carregados de sentido para aqueles que o habitam (CLAVAL, 1999).

Por sua vez, tal subjetivação contribui para ampliar os sentimentos topofílicos, ou seja, o apego entre as pessoas e os lugares ou ambientes físicos (TUAN, 1983). Assim, os diversos sentimentos humanos são construídos a partir da constante relação entre as pessoas e o espaço geográfico, onde acabam sendo registradas, através das mais distintas manifestações, os elementos da paisagem, marcas culturais e, também, identitárias. Ocorre, ainda, uma apropriação dos elementos já existentes a partir dos quais se constrói referências próprias.

Vale salientar que as referências da paisagem e as construções subjetivas supramencionadas aparecem expressas, com frequência, nas manifestações culturais, como na poesia, por exemplo.

Além dos sentimentos de apego à

cidade de Boa Vista registrada nos versos das canções, fica claro que a cidade está situada "*(...) nesse cadinho da floresta*", ou melhor, que a mesma está "*(...) na terra de Makunaima*". Nota-se que apesar de ter a maioria da população residindo na capital e ser constituída em boa parte por migrantes, a canção atribuí aos índios um papel fundador, relacionado à definição de um começo, de uma origem. Por outro lado, consoante com a natureza identitária dos versos, articula essa origem ancestral a uma realidade irrefutável, ou seja, a chegada e a integração de outros sujeitos sociais, quando diz que "*(...) a nossa história que é feita de pajés e corações de cada canto do país / como o canto e outras pedras / de pintar nossa música no ar*".

Outro elemento muito presente nos versos do trio Roraimeira diz respeito ao mundo vivido cotidianamente pelos cidadãos de Boa Vista, pois os costumes e tradições trazidos pelos migrantes foram somados a cultura indígena já existente, contribuindo assim para o pluralismo cultural - marca da identidade roraimense defendida nos versos do Roraimeira.

É fora de dúvida que os principais líderes do movimento realizaram diversas composições sobre a cidade de Boa Vista com declarações de amor e reverências a sua beleza, mas sempre deixando claro que a capital do estado de Roraima é muito acanhada quando comparada com a imensidão da natureza exuberante de seu entorno. Caso este verificado nos versos de "*Cidade do Campo*", escrito por Eliakin Rufino:

Cidade do campo (Eliakin Rufino)

Buriti do campo que prazer /
Igarapé tão bom te conhecer / Boa
Vista vai onde a vista vê / No
verde do campo vi você / Correm
mitos no vento / Pedra de
Makunaima / Voa meu pensa-
mento / Sobre o monte Roraima /
Cidade do campo beira rio /
Estrelas do norte do Brasil /
Cidade do campo entardecer / Boa
Vista linda de se ver / Correm rios
de tempo / Águas de Pacaraima /
Montes em movimento / Coração
de Roraima

Na música em tela o próprio título evidencia que se trata de uma "*Cidade do Campo*", ou seja, que a "*Boa Vista linda de se ver*" é uma "*cidade do campo beira rio*" sendo esta, apesar de bela e fonte de inspiração de muitas canções, está situada no cerne da natureza e não o contrário. Para além de toda e qualquer licença poética, a mensagem central é que paisagem "molda" a cidade, destacando como elementos centrais a savana e o grande rio que corta a capital, ainda que o traçado e a expansão da malha urbana se dá de "costas" para o rio. Além disso, aparecem em meio aos versos referências à mitologia indígena: "*correm mitos no vento / Pedra de Makunaima / Voa meu pensamento / Sobre o Monte Roraima*". Segundo a crença dos Macuxis (maior etnia indígena do estado de Roraima), Makunaima nasceu do encontro do sol com a lua, tendo como berço o Monte Roraima. O índio cresceu e tornou-se guerreiro e herói de sua tribo (os Macuxis) sendo até hoje o guardião do grande Monte Roraima (um dos principais pontos turísticos do estado, localizado na tríplice fronteira - Brasil, Venezuela e Guiana).

O discurso pró-índio é tão evidente nos versos do Movimento chegando, em alguns momentos, a destoar da realidade vivida no estado naquele momento. Como bom exemplo da posição desses artistas diante dos intensos conflitos entre garimpeiros e indígenas temos os versos da "*Maloca do Perdiz*", composta por Neuber Uchôa:

Maloca do Perdiz (Neuber Uchôa)

Boa Vista e se perca de vista / de algumas gerações de conquistas / peça pra descansar no colo de quem ficou / pra comemorar uma centena de julhos e tanta coisa pra tomar / tem caxiri, tem aluá tem damorida, se pescar / tem uma lua na serra de tirar um pedaço da ceia / na maloca do perdiz com os índios macuxis / wapixanas e civis bebendo a nossa saúde...

Na referida canção, verificamos além de referências a culinária indígena ("*e tanta coisa pra tomar / tem caxiri, tem aluá / tem damorida, se pescar*"), versos que relatam uma pacífica relação entre índios e não-índios,

apesar "*de algumas gerações de conquistas*". Nessas conquistas os índios sofreram e, ainda, sofrem com o processo de intrusão em suas terras e da urbanização, intensificado nas décadas de 1980 e 1990 com o garimpo.

A "*Maloca do Perdiz*", composta no auge do período Roraimeira, na transição entre as décadas de 1980 e 1990, de certo modo propõe uma visão idealizada da relação entre índios e não-índios, quando chama para comemorar "*uma centena de julhos*" (alusão ao mês do aniversário de Boa Vista). Busca evidenciar uma relação íntima entre indígenas e não-indígenas que não existia, pois nesse período os índios eram considerados um entrave para o bom andamento da atividade garimpeira, fato que ocasionou intensos conflitos.

Após a exposição de alguns exemplos de poesias musicadas pelo movimento, cumpre apresentarmos as principais tendências e contribuições da chamada primeira fase do Movimento Roraimeira. Concernente as principais tendências e posturas que nortearam o movimento, na sua primeira fase, destacam-se:

- Forte influência de expressões indígenas;
- preocupação em divulgar as potencialidades turísticas do estado de Roraima;
- Preocupação em divulgar os costumes e tradições indígenas;
- Idealização de uma cidade /capital desprovida de problemas e conflitos;
- exaltação dos elementos da paisagem natural;
- fortes referências topofílicas;
- Ausência de reflexão, mais explícita, sobre os problemas existentes no estado.

Cumpre ressaltar que os autores do Roraimeira, apesar da explícita exaltação da natureza, do discurso pró-índio e da postura "aparentemente despolidizada", os mesmos externam em seus versos críticas pertinentes, ainda que sutis, sobre a atual situação vivenciada no estado de Roraima.

As tendências verificadas indicam um posicionamento crítico dos membros do movimento a partir da vivência de uma

conjuntura de mudanças, cujos marcos seriam: o ciclo garimpeiro da segunda metade dos anos 1980; o crescimento demográfico acelerado; e a transformação do Território Federal de Roraima em estado em 1988.

Podemos observar nos versos e canções desta fase elementos diversos, ancorados nas influências Modernista (1922) e Tropicalista que chegaram tardiamente no extremo norte do país, ensejados pela necessidade de apresentar uma discussão sobre a identidade roraimense, criada na fusão de várias influências, ou seja, no pluralismo característico de uma área de fronteira.

Entre as principais contribuições do movimento nesse período podemos destacar três como os mais importantes, a saber:

- contribuição importante na valorização da cultura indígena e do índio na sociedade roraimense;
- Papel relevante na auto-estima da população roraimense, que passaram a ter algumas canções do movimento como símbolo de orgulho do estado (existem canções que são confundidas como hino do estado ou do município de Boa Vista, casos exemplificados pelas canções "*Makunaimando*" e "*Cidade do Campo*", respectivamente);
- Contribuição para identificação (sobretudo dos migrantes) com o lugar.

Após o ano de 2000 muitas mudanças irão ocorrer no movimento, tanto no discurso quanto na própria concepção do termo Roraimeira, cujo segundo momento é marcado com o fim do trio Roraimeira, sendo esse apresentado no item a seguir.

O MOVIMENTO RORAIMEIRA PÓS-2000: A PLURALIDADE DE MANIFESTAÇÕES E O INÍCIO DA POESIA CRÍTICA MUSICADA

A segunda fase do movimento Roraimeira possui poucos anos e ainda encontra-se em desenvolvimento, sendo esse momento marcado por canções, como, também, outras expressões de arte, que passam a ter Roraima como tema central. Uma das características

mais marcantes desse novo período é a pluralidade de manifestações e distintas posturas adotadas, onde o tom crítico e, em muitos casos, irônico em relação a problemas atrelados ao universo Amazônico e Roraimense são predominantes no conjunto da obra dos novos artistas e fundadores do movimento.

A referida mudança pode ser constatada no título dos últimos CDs lançados pelos três líderes do movimento que atualmente realizam majoritariamente apresentações em carreira solo, a saber: "*Eu preciso aprender a ser pop*" (CD lançado por Neuber Uchôa em 2005), "*Eliakin em Porto Alegre ao vivo*" (CD lançado por Eliakin Rufino em 2006) e "*Nada de Concreto*" (CD lançado por Zeca Preto em 2008).

Antes do período em tela, os títulos dos álbuns faziam alusão direta a Roraima e/ou elementos característicos da região, ao contrário do momento hodierno que possui canções que mesclam elementos de Roraima com a Amazônia e, até mesmo, de outros estados do país ou situações de repercussão nacional. Enfim, a preocupação em atribuir um tom mais crítico com as questões ambientais, indígenas e econômicas ganha lugar de destaque ao lado das letras exaltando as belezas do estado.

Cumprir mencionar que a aparição de novas tendências e linguagens não anulou a criação de músicas atreladas a estética formulada na primeira fase do movimento (caso exemplificado pelo novo CD solo do cantor e compositor Neuber Uchôa, intitulado "*Damurida*", que possui canções muito associadas ao primeiro momento do Roraimeira), sendo estas somadas as características anteriores, assumindo assim um momento marcado pelo pluralismo de idéias e manifestações.

O atual momento vivenciado pelo Roraimeira pode ser sintetizado ao apreciarmos a letra intitulada "Plural" de autoria do Eliakin Rufino:

Plural (Eliakin Rufino)

Tentei por muito tempo ser uma
pessoa singular / Ter um só
caminho ter um limite / Um só
amor, um só lugar / O que eu não
queria era ser comum / O que eu
não queria era ser normal / Agora

não / Agora eu sou feliz sendo plural / Fiquei até mais leve, mais natural / Muito mais pra cima, mais alto astral.

O abandono do único caminho seguido pelo movimento e a adoção da pluralidade artística e, sobretudo, do discurso possibilitou novo fôlego para novas posturas, entre elas o exercício da criticidade sobre diversas situações, entre elas a dos índios urbanos. Segundo dados divulgados pela Organização dos Indígenas na Cidade (ODIC), existem mais de trinta mil (30.000) índios na cidade de Boa Vista, cuja maioria encontra-se vivendo em condições de extrema precariedade nos bairros menos favorecidos. Entre as principais etnias identificadas, destacamos quatro: Macuxi, Wapixana, Wai-Wai e Patamona.

O assunto dos índios na cidade foi tema de uma poesia musicada composta por Eliakin Rufino, sendo essa uma das canções mais executadas atualmente, nas rádios do estado.

Tudo índio (Eliakin Rufino)

Eu conheço wapixana que mora no treze / E ele sabe de outros cem / Que também moram lá / Muita gente índia, muita gente / No conselho indigenista / Macuxi de São Vicente / Tudo índio, tudo parente / Em cada bairro da cidade / Cada tribo tem o seu representante / Os tuxauas se reúnem / Toda semana / Na Associação do Asa Branca / Tudo índio, tudo parente / Eu conheço Yanomami que vende sorvete / E um pedreiro Taurepang que vive de biscate / As mulheres índias, / Longe da maloca e da floresta / Sobrevivem como desempregadas domésticas / E os milhares de meninos e meninas / Fazem papel de índio no Boi / Durante as festas juninas / Tudo índio, tudo parente.

A canção supramencionada, além de fazer referência concernente ao grande número de indígenas vivendo na cidade de Boa Vista, chama atenção para as condições precárias de vida que os indígenas sofrem "*longe da maloca e da floresta*", onde um "[...]

Yanomami [...] vende sorvete", "*um pedreiro Taurepang [...] vive de biscate*" e "*as mulheres índias [...] sobrevivem como desempregadas domésticas*". Por fim, traz importante reflexão sobre a exaltação da figura do índio durante celebrações existentes na cidade ("*e os milhares de meninos e meninas, fazem papel de índio no boi durante as festas juninas*"), ou seja, o mesmo grupo social que discrimina e contribui para a situação precária vivida pelos índios, comemora e exalta a figura indígena durante as festas regionais.

Entre as novas articulações dos artistas envolvidos no Roraimeira, destacamos a criação do *Clã Caboclo*, grupo constituído por fotógrafos, cantores, poetas, grafiteiros, pintores e escritores (formado tanto por novos quanto por consagrados artistas do movimento) que se reúnem periodicamente para discutir arte, realizar apresentações em conjunto e, em especial, aglutinar esforços em prol da produção artística de Roraima.

Isto posto, cumpre mencionar que a pluralidade adotada nesse novo momento, ainda em curso, do movimento Roraimeira sofreu uma ampliação no tocante as tendências do movimento, entre elas destacamos três, a saber:

- reflexão sobre os problemas do estado e, principalmente, da capital (entre os principais assuntos abordados estão os associados às temáticas ambiental e indígena);
- as expressões passaram a ter uma preocupação multi-escalar, ou seja, Roraima passou a ser inserido no contexto amazônico, nacional, caribenho e, até global em meio aos versos, grafites e canções;
- o *makunaimera* continua sendo um ritmo utilizado, mas não com exclusividade, pois canções com ritmos já consagrados nacionalmente ganharam espaço no movimento.

Por fim, cumpre mencionar que a segunda fase do Movimento, em pleno curso, ainda possui pouco tempo, apesar do grande volume de obras já produzidas pós-2000. Sendo assim, certamente, novas tendências e posicionamentos serão incorporados e,

possivelmente, outros elementos poderão ser revisitados e/ou rediscutidos pelos artistas envolvidos neste dinâmico movimento situado no extremo norte do país que, a cada dia, conquista novos adeptos: o Roraimeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange os estudos sobre as expressões artísticas de Roraima não seria eficaz buscar uma datação aproximada através do cotejo com outras obras brasileiras. A julgar pelos exemplares conhecidos, verifica-se uma espécie de “deslocamento temporal”, pois o “estilo de Roraima” não se assemelha à produção artística Brasileira do mesmo período: observa-se um traço de afirmação da diferença.

A “diferença”, nesse caso, vem quase sempre associada ao exotismo e à exuberância da natureza em Roraima, distribuída em uma grande área de floresta – que recobre cerca de 80% da área estadual, mas é pouco povoada e urbanizada – e uma área de savana e campos naturais, que abriga a capital e parte expressiva da população. Embora haja manifestações (artísticas ou não) que se voltam para as peculiaridades do processo de formação do estado, de sua população, da política, para as angústias relacionadas às suas condições geográficas e suas relações com o restante do Brasil, verifica-se um papel preponderante da paisagem na definição do lugar, daqueles que o habitam e das relações ali vividas.

O estágio atual de nossa pesquisa nos permite afirmar que Roraima possui uma produção que, embora não seja numerosa, tem qualidade e representatividade regional. No caso do Movimento Roraimeira, entre as décadas 1980 e 1990, observa-se uma vinculação exacerbada dos textos aos elementos do cotidiano e da paisagem local. Observa-se a busca da constituição e/ou afirmação de uma identidade cultural através, justamente, da afirmação da “diferença”, cujo simulacro é, *a priori*, a paisagem. A busca de um sentido para o “ser” e o “viver” em Roraima, e em Boa Vista em especial, evidencia uma certa angústia diante de uma realidade que se tornava cada vez mais complexa, contraditória e conflituosa, frente às mudanças sociais, econômicas e políticas ocorridas no período.

A partir do ano 2000, o movimento já possui reconhecimento e amplia o número de

artistas, adotando um pluralismo que já aponta para uma tendência mais crítica e preocupada em propor uma manifestação artística regional articulada com o mundo hodierno. Observa-se nas canções mais recentes que ao lado de alguns elementos da fase anterior, expressa-se uma tendência mais cosmopolita e, como afirma Neuber Uchôa, mais próxima do “pop”.

NOTAS

¹ Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ordenamento Territorial e Ambiental pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Pesquisador do Grupo de Estudos Literários (UFRR) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira (UFAM).

² Doutora em Teoria da Literatura. Professora do Dep. de Línguas e Literaturas Vernáculas e do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Coordenadora do Grupo de Estudos Literários (UFRR).

³ Doutora em História. Professora do Dep. de História da Universidade Federal de Roraima e do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Pesquisadora do Grupo de Estudos Literários (UFRR).

⁴ Entrevista realizada no dia 09 de julho de 2006.

⁵ O referido item foi construído a partir de diversas entrevistas e conversas informais realizadas com os artistas Eliakin Rufino, Zeca Preto e Neuber Uchôa.

⁶ Gentilmente cedida por Zeca Preto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Nilson C. Crócia de. *Roraima: paisagens e tempo na Amazônia setentrional*. Recife: Editora Universitária (UFPE), 1995.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*.

Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

FREITAS, Luiz A. S. de. *Políticas públicas e administrativas de Territórios Federais Brasileiros*. Boa Vista/RR: Corprint gráfica e editora Ltda, 1997.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Contagem da População 2007 - Estado de Roraima*. Boa Vista: IBGE, 2008.

SOUZA, Carla M. e SILVA, Raimunda G. *Migrantes e Migrações em Boa Vista: os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé*. Boa Vista: EdUFRR, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.